



BATER NA MULHER COM RAZÃO OU SEM ELA

Era uma vez um homem que vivia muito bem com a sua mulher. Nunca tinham um ralho, não havia a minima questão, o que um queria queria o outro, enfim, eram muito felizes; mas, um dia encontrou elle um amigo que lhe disse:

—«Então tu não bates na tua mulher?!»

—«Eu não, nem tenho razão nenhuma para lhe bater.»

—«E's parvo. A's mulheres bate-se sempre com razão ou sem ella.»

O homem, com medo que lhe chamassem tolo, foi para casa e começou de bater na mulher sem quê

nem para quê.

A casa, que d'antes era um paraizo, tornou-se um inferno! Já ninguém se entendia.

A mulher adivinhava-lhe as vontades, fazia-lhe tudo que podia imaginar para o satisfazer e elle—zás! Pancadaria brava.

A pobre mulher já se queria matar sem vêr remedio àquillo, até que se cançou de ter paciencia e disse com Deus e consigo:—«Espera que eu te arranjo!...»—Comprou uma lebre, esfolou-a e á noite quando o homem veio para lhe bater disse-lhe:

—«Tu não sabes uma coisa, homem?!... Aconteceu um caso que me tem dado que scismar.

—«Então que foi?»

—«O nosso gallo apanhou uma lebre!»

—«Isso não pôde ser!»

«Pôde, pôde! E a prova é estar aqui a lebre já esfolada e amanhã levar-l'á para o almoço.»

O homem, de contente que

com o novidade, já passou aquella noite sem lhe bater. De manhã levantou-se muito cedo e foi para o campo ver uns trabalhadores que trazia n'uma propriedade; e a primeira coisa que fez foi dizer-lhes:—«Eh rapazes! Trabalhem bastante, que hoje temos lebre para o almoço»—Ficaram todos muito contentes dando vivas ao patrão e trabalharam com alma para merecer o bom goisado. A'hora do almoço chegou a mulher com um grande cabaz, coberto com uma toalha branca de neve: trazia muita comida boa, mas da lebre nada, nem coisa que se parecesse! Vae elle:

—«O' mulher, que fizeste tu á lebre?»

—«Qual lebre? Eu não sei nada, pois tu compraste alguma?!»

—«Ora essa! Então tu não me disseste hontem á noite, que o nosso gallo tinha apanhado uma?»

—«O' homem de Deus, tu estás doido! Pois isso pôde lá ser? Um gallo apanhar uma lebre!...»

E fugiu a chorar, dizendo que o seu homem estava doido, que tinha a mania de dizer que o gallo apanhára uma lebre.

As vizinhas ficaram prevenidas para acudirem se elle lhe quizesse bater, porque decerto estava doido o pobre homem!... Ella fechou-se em casa, comeu a lebre e guardou a pelle.

A' noite vem o homem para casa a berrar e queria bater na mulher; mas, a vizinhança acudiu e todos começaram a dizer que elle estava doido e que havia d'ir á igreja confessar que a mulher é que tinha razão. O homem, meio conven-

cido, disse que sim, que ia, e n'essa noite não bateu na mulher. Quando a viu a dormir, levantou-se muito devagarinho e revolveu o casa toda a procurar a pelle da lebre. Tanto fez que deu com ella escondida n'um canto, mettu-a no bolso da jaqueta que devia levar á missa, foi-se deitar muito disfarçado ao pé da mulher e adormeceu. Ella, que tinha visto tudo, levantou-se por sua vez, tirou-lhe a pelle do bolso, queimou-a e mettu-lhe lá duas estrigas de linho.

Ao outro dia foram ambos para a missa, e no fim o homem levantou-se no meio do povo e disse:

—«Os senhores affirmam que eu estou doido e que minha mulher nunca lá teve a lebre. Pois eu dou provas do contrario, e que, nós os homens, somos mais finos que ellas, não nos deixamos enganar e devemos bater nas nossas mulheres com razão ou sem ella!...»

E mettendo a mão no bolso da jaqueta, puxou pelo embrulho que lá tinha mettido, dizendo:—«Cá está a pelle da lebre!»

Tudo desatou á gargalhada por vêr as duas estrigas em logar da tal pelle.

Então é que elle ficou envergonhado, confessou que a mulher tinha razão e jurou, diante de toda a gente da freguezia, viver como tinha vivido antes do amigo lhe dizer—que devia bater na mulher com razão ou sem ella.

Anna de Castro Osorio.

Proverbios agricolas do mez de maio

- Maio pardo, anno farto.
 —Maio hortelão, muita palha e pouco grão.
 —Maio pardo faz o pão grado.
 —Maio couveiro não é vinbasteiro.
 —Maio come o trigo e agosto bebe o vinho.
 —Quanto maio acha nado, tudo deixa espigado.
 —Quem em maio relva, não tem pão nem herva.
 —Touro, gallo e barbo, todos teem rasão em maio.
 —Pão tremez, não o comas nem o dês, mas guarda-o para maio.
 —Exame de maio, quem t'ò pedir, dá-lh'ò: o de abril guarda-o para ti.

A MÃE DE S. PEDRO

Ha um dito em Italia, que faz scismar... Ouvi-o a um italiano, e perguntei-lhe que explicação tinha isso.

O dito é este:

—Somitica, como a mãe de S. Pedro!

A mãe de S. Pedro...

Nòs dizemos por cá:

—Valha-te S. Pedro!

Mas da mãe nunca fallamos, honra nos seja... e a ella; quanto mais chamar-lhe nomes!

—Explique-me lá isso, ó meu amigo?

—O que?! Pois é novidade para si que a mãe de S. Pedro era muito somitica?

—Completamente.

—E' boal Pois fique-o sabendo,

Chegava a ser de sordida mesquinhez. Não dava nada a ninguem, nem emprestava....

—Ih!

—De uma occasião, porém, estando a lavar alface para sallada na agua de um rio, a corrente levou-lhe uma folha, que ella deixou ir boiando, dizendo:

«Boia, boia, á mercê de Deus».

Foi a primeira e a unica vez que fechou os olhos a ficar sem uma cousa qualquer.

O caso é que, por occasião da sua morte, teve a sorte dos somiticos.

—Que sorte é?

—Não entrar no céu.

—Olé!

—Não põem o seu pé lá dentro.

—Mas, ella, com o filho á porta.....?

—E de chaves na mão, bem sabemos. Foi o mesmo que nada. Dizia-lhe Nosso Senhor, e muito bem, como sempre, que a entrar a alma d'ella, haviam de entrar as outras....

Com effeito!

—«Má, sicuro! Che cosa volete!» Elle fartou-se de pedir, o padre S. Pedro! E tanto pediu, tanto pediu, que Deus, que sempre é pae, acabou por lhe dizer:

—O' S. Pedro, ouve cá isto, filho... A tua mãe, em tantos annos que viveu, só uma cousa é que não enferrolhou nem arrecadou para si...

—Que cousa foi?

—Uma folha de alface, que a agua de um rio lhe levou. Se com

essa folha te atreves a puchal-a para o céu está o caso arranjado, e deixar-t'a-hei por cá ficar.

S. Pedro recommendou a sua mãe que se agarrasse à folha e se deixasse ir...

A mãe isso fez.

S. Pedro puchou...

Puchou...

Estava a mãe quasi lá, estava por um apice...

Mas aconteceu o que Deus disse-ra; e as visinhas, desejosas de se aproveitarem d'aquella pechincha, quizeram agarrar tambem na folha preciosa.

A mãe do santo não poude levar isso á paciencia, invejosa e avarenta como era. Queria entrar no paraíso, mas sósinha...

Sósinha!

Sem as outras!

Sem mais ninguém!

Muito bem só...

E, por isso, para as outras largarem, tanto mecheu, e tantos puchões deu á folha, que, por fim, a folha abriu-se ao meio...

Cairam no vacuo as almas, que se lhe agarravam; e a mãsinha da somitica caiu com ellas...

—Ai, Jesus!

E ahí está porque, para a mãe do senhor S. Pedro, na tradição e do que referem os goodoleiros mostrando o lago, ficaram fechadas as portas do céu. Isso acontece, e é bom que assim seja, a todo aquelle ou aquella que for somitico n'este mundo...



CANÇÕES POPULARES

DE

VILLA DO CONDE

Recolhidas por

JOSÉ DA SILVA VIEIRA

(Continuação)

Adivinhas

A minha barriga contra a tua
E a tua contra a minha,
A tirar e a metter
Pedacos de carne crua.

—E' a massa na maceira.—

Que é, que é,
Uma capellinha branca
Que não tem porta nem tranca?
—Um ovo,—

Que é, que é,
Que enche uma casa
E não enche uma rasa!
—Um botão

Que é, que é,
Uma coisa do tamanho de uma bolota
Que enche a casa ate á porta?
—Uma luz.—

Que é, que é,
Nem cosido nem assado
Nem comido com colher.
Não adivinhas senão se t'o eu disser.
—Leite das mamas—

Que é, que é,
Do tamanho de um tostão
Que abre e fecha sem cordão?
—E' o cù do cão.—

Quatro na cama,
Quatro no lama,
Dois parafusos
E um que lhe abana.
—Uma vacca.—

(Continúa)